



## BOLETIM DA CAPELANIA

Março de 2013



### Novo Papa

S. Josemaria fazia às vezes uma pergunta embaraçosa e, no entanto, de resposta óbvia: - «Se pudéssemos escolher os nossos pais, quem escolheríamos?» Evidentemente, os mesmos que temos ou tivemos, embora, se tal fosse possível, ainda com mais dotes e virtudes do que possuíam. Mas, de qualquer modo, os mesmos, por uma razão muito simples: se tivessem sido outros, também nós éramos outros... Não seríamos nós mesmos.

Num Conclave, curiosamente, podemos (pode o colégio cardinalício) escolher o Pai comum. Porque o Romano Pontífice é, de facto, um Papa, o Pai de toda a cristandade, em nome de Jesus Cristo, desde a eleição: o Vice-Cristo, ou «o doce Cristo na Terra», como dizia Santa Catarina de Sena. É o sucessor de Pedro, que o Senhor escolheu para alicerçar a Igreja: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». (Mt 16, 18) Escolheu-o pelas suas virtudes? Os Evangelhos não o dizem, e sabemos de sobra que, como qualquer homem, tinha defeitos, e defeitos notórios.

Os senhores Cardeais, porém, sentem-se na obrigação de procurar aquele que, pelos seus dons e virtudes, melhor dirija a Igreja, e assim farão. O mais santo? O mais sábio? O mais amável?... Não. O que melhor governe, decerto. O dom de governo não é o mais elevado dos dons. Na lista que S. Paulo faz aos Coríntios, o carisma de governo não é o primeiro: «Em primeiro lugar (estão) os Apóstolos; em segundo lugar, os profetas; em terceiro lugar, os doutores; depois, os que têm o poder de fazer milagres; depois os que têm o dom de curar, da assistência, de governar, de falar diversas línguas...» (1 Cor 12, 27-28). Não, não é o maior dom; apenas o mais importante... para governar.

De resto, Deus permita que seja muito santo, de verbo profundo e eloquente, inclusivamente um grande taumaturgo, e amabilíssimo, na sequência dos anteriores. Mas não nos adiantemos aos senhores Cardeais, que elegerão aquele que o Espírito Santo designe através deles. Porque será esse, e não outro, o nosso Pai comum. E, enquanto preside à Igreja, o único Pai, sem comparação.

Simplesmente, o governo da Igreja é um governo espiritual; exige condições diferentes dos políticos ou empresariais – sobretudo aquela que Nosso Senhor exigiu a Pedro: - «Simão, amas-Me?» Sem verdadeiro amor a Cristo e às almas, Simão não receberia o mandato de Jesus: - «Apascenta as minhas ovelhas» (Jo 21, 15-17).

Padre Hugo de Azevedo